



Cacique Maluaré e sargento Temponi conversam com o presidente da Funai

Karajás, uma nação sob a ameaça de extinção

De todos os grupos indígenas do Brasil, os karajás foram os mais atingidos pela civilização. Basta atravessar o rio Araguaia e procurar o bar mais próximo em São Félix do Araguaia, onde eles podem ser vistos vendendo tucunaré, para pagar um gole de cachaça. Ao lado da cachaça, o outro grande mal que atinge os karajás é a prostituição. As índias, muitas vezes, nem precisam atravessar o rio. Na própria ilha, a prática da prostituição vem se acentuando e é freqüente o relacionamento entre o pessoal da FAB e as índias, segundo informam ex-funcionários de Santa Isabel do Morro.

Uma solução para diminuir o problema da cachaça foi a plantação de cebola. Serviria como terapia ocupacional, argumentam diretores da Funai. Mas esta plantação não emprega muita mão-de-obra e ela está sendo feita pelos tuxá da Bahia, que vivem no Bananal. Os tuxá não aceitam a participação dos karajá que continuam pegando carona nas voadeiras que atravessam o Araguaia, para se embebedarem em São Félix. Enquanto isso os caciques assistem diariamente o fim da nação karajá, e quando ousam fazer qualquer protesto sobre a presença de determinados funcionários da Funai, recebem como resposta "índio não decide quem vai trabalhar aqui ou ali. Quem decide isso é a Funai". Foi o que disse o coronel Nobre da Veiga ao cacique Maluaré que não aceita a presença de Francisco Assis da Silva (atual diretor do Parque do Xingu) na ilha do Bananal.

Desde a década de 40, a Força Aérea Brasileira mantém uma base em Santa Isabel do Morro, onde vive um grupo karajá governado pelo cacique Maluaré. A base da FAB e seus eventuais servidores frequentam a área indígena sem qualquer autorização. Os karajá os olham com desconfiança e apenas se acomodaram à sua presença. Sem rebelião, a indignação dos índios se manifesta em conversas na aldeia.

Os karajá se revoltam silenciosamente, mas não querem a FAB em Santa Isabel, e já houve desentendimentos isolados. O atual diretor do Parque Indígena do Araguaia, sargento José Tempone, é responsável por um destes desentendimentos. O sargento Tempone espancou Belehiro, um índio doente mental de 35 anos que, como a maioria dos karajás de Santa Isabel, anda bêbedo pelo posto. Além disso, o sargento ameaçou de morte o índio Errediu, na frente de outros.

Somando-se a esses atritos entre os karajá e o atual diretor do Parque do Araguaia, o sargento Tempone não é suportado pelos índios porque anualmente, na época da seca (entre junho e

setembro) ele apóia as autoridades que vão pescar no Araguaia e no rio 23.

Os pescadores do Araguaia recebidos pela FAB em Santa Isabel do Morro são membros do "Safari Club" que mantém uma revista com informações sobre a pesca. Eles freqüentam o território, mas o que lhes causa maior revolta é o fato de que os pescadores usam o rio Araguaia, que representa o seu verdadeiro mundo.

Privilegiados com transporte dentro da Ilha, estes pescadores usam também os frigoríficos do Hotel Kennedy, outra espinha na garganta dos índios, pois eles não sabem o porquê da existência daquele hotel em seu território que agora será transformado em estação rastreadora de satélites.

Maluaré, o cacique karajá de Santa Isabel do Morro, não aceita nenhuma destas presenças (hotel, FAB, pescadores), mas ele não é ouvido pela Funai e até impedido de vir a Brasília para manter contato com os outros karajá que aqui o esperam, entre eles os caciques Ijaú, de Macaúba, Ijarema, de Fontoura e Arutana. Os karajá queriam discutir em Brasília os problemas que afetam cada um dos postos indígenas do Parque do Araguaia levando ao presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, as suas principais reivindicações e o repúdio pela presença do sargento Tempone na direção do Parque do Araguaia, pois este protege os tori (branco).

POSSEIROS

O principal protegido do sargento Tempone é o posseiro Mundico Sabino cuja criação de porcos destruiu a lavoura de mandioca dos karajá e nenhuma indenização foi paga. Mundico é apenas um dos posseiros. Toda a ilha do Bananal, onde vivem os karajá é invadida por posseiros e grandes fazendeiros.

A Funai cobra um arrendamento destes posseiros criadores de gado. Até 1979 o preço pelo uso do território indígena ficava em 37 cruzeiros por cabeça de gado. Este preço foi reajustado com base nos percentuais da Confederação Nacional de Agricultura, que estipulou o preço de 480 cruzeiros por cabeça de gado. Os posseiros protestam e a Funai poderá reduzir este preço acatando sugestão do sargento Tempone que, uma semana antes de ser escolhido diretor do Araguaia, sugeriu fosse o preço fixado em 100 cruzeiros.

Para os karajá, a solução seria o reassentamento destes posseiros sem outras terras, mas para o coronel Nobre da Veiga a solução é manter os posseiros, cadastrá-los e impedir a entrada de novos invasores, o que é bastante difícil pois o rio Araguaia facilita o acesso à ilha. (M.M.)

Ijarina, cansada, diz que a Funai discrimina a tribo

Há duas semanas Ijarina dorme no chão sobre um cobertor debaixo da cama de sua filha. Inaruk, internada no pronto socorro do Hospital de Base de Brasília, tomando soro 24 horas por dia, com diarreia. Seu problema maior é desnutrição. Ijarina só deixa a filha na hora do almoço quando é obrigada a ir até à Funai tomar a Kombi que faz o transporte entre o Setor de Autarquias e a Casa do Ceará, alojamento dos índios em trânsito pela Capital.

A índia está indignada com a diferença de tratamento dado pela Funai, pois enquanto sua filha, cujo estado de saúde inspira cuidados, continua internada no Pronto Socorro, "os índios do Xingu estão no apartamento". Ela desabafa sua revolta, dizendo que a Funai faz isso porque os índios do Xingu brigam e os Karajá são pacíficos.

Todos os dias Ijarina vai ao Departamento Geral de Operações-DGO, da Funai, pedir um apartamento para sua filha. A resposta é sempre a mesma. A Funai diz que não tem vaga.

Na terça-feira, depois de percorrer diariamente o caminho entre a Funai e o Hospital de Base, recebeu a mesma resposta. Mas, naquele dia, o apartamento 702 estava vazio. Mesmo assim, Ijarina continua dormindo no chão e sua filha no Pronto Socorro. Ela não sabe para onde se dirigir e resolver seu problema. Longe do rio Araguaia, numa cidade grande, a karajá passa os dias calada esperando voltar com a filha para a aldeia de Santa Isabel do Morro, onde os índios são obrigados a aceitar duas presenças que lhes são incômodas: a FAB e a Votec.

Jornal de Brasília - 31/07/80

83